



REVERBERAÇÕES SONORO-EDUCATIVAS NA TRAJETÓRIA DE UMA PIANISTA-RITMISTA: MULHERES NA MÚSICA

Eixo Temático 26 – MULHERES NA CIÊNCIA: CONQUISTAS E DESAFIOS

Harue Tanaka ¹

RESUMO

O trabalho tem por fulcro discutir questões que se referem às mulheres notadamente na música, tendo por base algumas das discussões apresentadas durante o Fórum Permanente do Programa de Pós-Graduação em Música (2024.2) da Universidade Federal da Bahia. O título remete à escolha da autora convidada que optou por discorrer sobre parte de sua trajetória acadêmica, mencionando algumas das temáticas do grupo de pesquisa que lidera – MUCGES –, pensado para promover reflexões/ estudos sobre a interseccionalidade de gênero ligadas às categorias analíticas música, corpo, educação e saúde. O grupo compõe ao lado de outros, um dos poucos da área, que discute questões de gênero, corpo e sexualidade, em relação à educação e a subáreas da música: educação musical, etnomusicologia e performance musical.

Palavras-chave: PPGMUS, MUCGES, mulheres na música, pesquisadoras, música e gênero.

INTRODUÇÃO

O trabalho tem por fulcro discutir questões que se referem às mulheres, notadamente no campo da música, tendo por base algumas das discussões apresentadas durante o Fórum Permanente do Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS) – 2024.2, na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na mesa-redonda “Mulheres na pós-graduação em música: trajetórias sonoras de resistência”, coordenado pela professora Laila Rosa (UFBA). Tal evento reuniu algumas das principais pesquisadoras da área que encampam e lideram grupos de pesquisa em Música e Gênero, no país.

A princípio, optei por fazer um levantamento sobre a pós-graduação em música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) cujo programa se iniciou em 2013. Dos 241 trabalhos listados (2013-2024) que mencionavam mulheres, 198 foram dissertações (sendo 65

¹ Doutora em Música pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professora da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, haruetaulas@gmail.com



produzidas por mulheres), 42 teses (16, por mulheres). Em um universo de 241, menos de 5% eram trabalhos que mencionavam mulheres nas pesquisas. Abaixo, alguns trabalhos a título exemplificativo: a) Mulheres brasileiras na música experimental: uma perspectiva feminista de Tânia Neiva; b) Protagonismo femininos na música paraibana: um olhar sobre a trajetória de três mulheres musicistas de Maria Alice P. de Carvalho; c) “Eu e meu fole”: trajetórias formativas de seis sanfoneiros profissionais de Carol Benigno. Dentre os trabalhos defendidos, pontuamos esse último. Em 2018, apresentamos um trabalho sobre as primeiras sanfoneiras da licenciatura da UFPB, salientando que o curso de acordeão ainda que tenha surgido em 2013, só em 2017.1, teve as primeiras candidatas no Processo Seletivo de Conhecimento Específico (PSCE) a vagas no referido instrumento, dentre elas a autora em destaque.

Percebemos que as reverberações em pesquisas ligadas ao gênero, conexas ao campo da educação musical, ainda necessitam ser mais estimuladas, no sentido de que a produção sobre e por mulheres provindas das subáreas da educação musical e da performance musical, necessitam de maior fomento. Os estudos de gênero por e sobre mulheres na música, feminismos, produção científica e reflexão acerca das relações de gênero e música, que têm o intuito de promover a participação das mulheres no campo das ciências, (música), ainda se concentram bastante nas áreas da etnomusicologia. Isso ocorre devido à presença de orientadoras dessa subárea que discutem a referida categoria; sendo, todavia, em menor número as que discutem questões de gênero, corpo e sexualidade, em uma perspectiva interrelacional mais ampla. Necessita-se incentivar a pesquisa que discorram sobre a formação de professoras-educadoras/ instrumentistas em sua trajetória artístico-acadêmica, bem como sobre os processos educativos evidenciados, a fim de dar maior visibilidade ao papel das mulheres na formação de instrumentistas/ musicistas/ músicas (feminino de músicos) e compositoras.

Na época em que concluímos a graduação em piano não havia doutoras na área, na UFPB, reflexo de uma situação que só veio a se modificar mais notoriamente a partir da década de 1990, devido também ao escasso número de pós-graduações em música, no Brasil; até 2002 reconhecia-se, principalmente, três programas na área da educação musical (Conservatório Brasileiro de Música – RJ; PPGMUS/UFBA – PPGMUS/UFRGS).



Em 2022, convidada a mediar a mesa de debate no V Encontro de Foles e Sanfonas na Paraíba – “A mulher como instrumentista e o mercado do forró” –, tivemos a presença na plateia da professora da sanfoneira que estava como debatedora na sessão. De pronto, veio a curiosidade sobre quem seria a sanfoneira que guiou os primeiros passos da pesquisadora-sanfoneira. Esse exemplo remete-nos à importância de se produzir sobre mulheres, principalmente, quando provém de um fluxo educativo de complexa existência, como ocorre no campo da música, sem falar das trajetórias das compositoras, ambas as áreas dominadas por homens (sanfona/ acordeão; composição). Ainda é baixo o número de trabalhos que discutem a condição, a criação, a produtividade das mulheres na música. O artigo de Porto Nogueira, Zerbini e Pedro (2018), “A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais”, propõe um panorama e reflexões sobre a situação acadêmica – música e gênero.

REVERBERAÇÕES NA TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA

Moldada para ser uma pianista-concertista (performance musical), acabamos por seguir o caminho da docência, tornando-me, por opção, uma pianista-ritmista, ao abraçar também as áreas da cultura popular (maracatu; forró), da etnomusicologia e da educação (popular), interconectando-as ao campo da educação musical, na qual realizamos o doutorado. No que tange ao mestrado em educação (popular) no Centro de Educação da UFPB, concluído em 2003, consideramos exatamente o marco de nossa inserção no campo dos estudos de gênero. Naquela época não havia pós-graduação em música na UFPB cujo programa (PPGMUS) só teria início em 01/09/2004. Segundo o *site* oficial, só existiam oito programas em música, tendo esse sido o segundo a ser implementado no Nordeste do Brasil. Em 2003, defendemos, no PPGE/UFPB, a dissertação que deu origem ao livro *Diário de Uma Ritmista Aprendiz* (2009), em que fui impelida pelo presidente da banca – Timothy Ireland – a produzir um subcapítulo que evidenciasse a questão de gênero, visto que era a única participante mulher da bateria da escola Malandros do Morro, foco da pesquisa. Em 2012, concluímos o doutorado no PPGMUS/UFBA, com a tese *Articulações Pedagógicas no Coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico*. Digamos que fui agraciada pela aproximação dessas atrizes sociais – Ganhadeiras de Itapuã –, por ter escolhido (ou ter sido escolhida), logo que cheguei a Salvador-BA, a fim de



cursar o doutorado. Esse foi o verdadeiro encontro que uniu todas as áreas em que atuo como pesquisadora e educadora, dentro dessa trajetória acadêmica e de vida.

As ganhadeiras, historicamente, são consideradas as primeiras feministas do Brasil; no sentido de que eram negras escravizadas, trabalhavam arduamente para conquistar a alforria sua e de seus parentes.

As Ganhadeiras de Itapuã é um grupo cultural que foi constituído com a finalidade de “resgatar” as tradições culturais de Itapuã, especialmente para homenagear as antigas ganhadeiras da época em que o bairro ainda era uma pequena vila de pescadores. O grupo foi batizado com este nome também para homenagear as mulheres negras ‘ganhadeiras’, escravizadas ou libertas que, no século XIX, viviam do ganho, ou seja, da venda de produtos alimentícios transportados na cabeça, dentro de tabuleiros e gamelas em várias cidades do Brasil. (Tanaka-Sorrentino, 2012, p. 22).

Nossa tese chegou ao conhecimento da comunidade acadêmica, bem como da parcela da sociedade ligada ao carnaval e aos desfiles das escolas de samba, após ter sido levada pela Unidos do Viradouro para servir como uma das fontes de pesquisa; no ano seguinte (2020), a escola se sagrou campeã do desfile do grupo especial das escolas cariocas, homenageando As Ganhadeiras de Itapuã. O que nos valeu a divulgação da tese em canais de mídia e periódicos on-line como o Portal Geledés (2020) e a exemplo do artigo publicado no Ciência na Rua, escrito pela pesquisadora Mariluce Moura (2020). No mesmo ano, publicamos nos anais da principal entidade da área – ANPPOM –, De Itapuã a João Pessoa (PB): análise de um episódio na “Passarela do Samba” (Tanaka, 2020).

O aporte teórico escolhido para a tese, qual fosse a Abordagem Pontes (AP), foi de tal monta que as análises acabaram por se restringirem à categoria idade/geração, citada na introdução da tese: “Ainda que, de modo complementar, mencionei alguns entendimentos sobre as relações entre os principais participantes [...] sob a perspectiva da idade/geração, por considerar um constructo que necessita de divulgação de suas premissas e análises para a comunidade acadêmica de outras esferas do conhecimento.” (Tanaka-Sorrentino, 2012, p. 18).

A vida social é estruturada em conjunto de relações que, em interface, ou articulada dinamicamente, lhe dão sentido (...). Os mais determinantes desses sistemas de relações são as classes sociais, os gêneros, as idades/gerações e as raças/etnias. (...) mas nenhum deles, analisados isoladamente, dá conta da sua complexidade. (Brito da Motta, 2021, p. 193 apud Tanaka, 2012, p. 185).



Assim, embora tenha havido a tentativa de discutir algumas questões que envolviam as interseccionalidades de gênero e raça/etnia, a tese foi centrada no aporte teórico da educação musical – Abordagem Pontes (AP) – de Alda Oliveira (2015).

MULHERES NA MÚSICA

Um dos aspectos em relação às mulheres na música diz respeito à condição financeira necessária para a aquisição de instrumentos musicais, por exemplo. Para realizar um curso de música, na área da performance musical, por exemplo, as mulheres necessitam ter um emprego ou algum suporte, visto que, a depender do instrumento musical escolhido, pode haver a necessidade de altos recursos a ser investido em sua compra. Além do que, algumas escolhas são condenadas e dicotomizadas como sendo instrumentos para homens e para mulheres (sexismo na música).

Segundo Mônica Machado, em sua obra *Direitos das Mulheres: ensino superior, trabalho e autonomia*. “Ser autônomo é ter condições de fazer as próprias escolhas e de que, para exercer a prerrogativa das escolhas, não basta apenas ter vontade, mas também condições efetivas” (Machado, 2019, p. 26). Nessa passagem, a autora está se referindo à autonomia econômica conquistada pela educação superior na vida das mulheres.

Machado comenta, ainda, sobre a autonomia das mulheres que é essa capacidade delas em autodeterminar os seus destinos, e sobre como a autonomia se relaciona com a educação e consequentemente com a economia (Machado, 2019, p. 49); seu problema de pesquisa esteve centrado na pergunta “a educação superior, [...] é capaz de efetivar o exercício da autonomia, conferindo condições para que as mulheres possam fazer suas escolhas afetivas, sociais, familiares, política e econômicas?” (idem, p. 21).

O papel da Escola Normal na formação e na profissionalização das mulheres era de determinar o lugar social da mulher: do cuidar, da maternidade (o Estado o entendia como sendo uma vocação). Ponto esse que cria um campo de atuação, uma seara feminina e precarizada, com baixos rendimentos e carreiras pouco valorizadas. Sendo assim, pedagogia e licenciatura continuam aumentando, nos cursos superiores (Machado, 2019, p. 26-28).

Tais comentários demonstram a gênese de muitas questões das mulheres na música que advém da situação das mulheres na educação.



“LUGAR DE MULHER É EM TODO LUGAR”

Compreendemos que o trabalho de professoras-educadoras é tornar real a supracitada afirmação. Tem sido difícil a compreensão sobre como é a vida artística e acadêmica de pesquisadoras nessa área. A maioria das pessoas não compreende que o lado artístico acompanha o acadêmico, nessa ordem. Aqueles que se dedicam à academia no campo da performance musical, normalmente, já apresentam condições para ingressar em uma pós-graduação, porque o início da carreira, para muitos, começa na mais tenra idade, sendo o bacharelado em música, praticamente, uma primeira especialização, situação inusitada se comparada aos demais cursos universitários. Porém, a realidade é que, em nível de graduação (bacharelado), âmbito das práticas interpretativas (performance musical), essa condição de acadêmica-pesquisadora é quase inexistente e que difere, inclusive, das licenciandas (educação musical). Raramente, discentes que estejam no bacharelado darem continuidade aos estudos acadêmicos e realizarem capacitação em nível de pós-graduação, devido, inclusive, ao perfil do curso. Por fim, queremos enfatizar que a maioria que logra êxito no âmbito acadêmico, em ambas as áreas, tem a aquiescência e o real apoio familiar, tem um emprego ou mesmo sobrevive de música como autônoma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além dos fatores sociais supramencionados, há os psicossociais que são os que afetam as mulheres na música quando chegam aos níveis de graduação e pós-graduação. Tais fatores nos levou a criar o curso extensionista de música para mulheres – “Mulheres em performance musical: musicando localmente” –, desde 2019. Situações como baixa crença de autoeficácia, baixa autoestima em relação à performance e aprendizado musicais, estão presentes na relação das mulheres com a música, podendo ser entendidas em parte pela natureza simbólica e ideológica. Segundo Vasconcelos (2002, p. 23 apud Tanaka, 2024, p. 5) “pode estar consubstanciada na ideia, algo generalizada, de que a arte e a música são mundos à parte, com linguagens e discursos reservados a especialistas a que nem todos têm acesso”.

Em síntese, podemos subsumir que temos que conseguir “driblar” todos os percalços que permeiam essa formação até a chegada à pós-graduação, onde poucas conseguem alcançar e, outras, a concluí-la. Chegar à Universidade é um caminho árduo e incerto no Brasil.



Principalmente, quando falamos de áreas que sofrem preconceito como a da música, que é tida como uma área diletante; daí advém a dificuldade de entender os meandros e necessidades na formação das que a escolhem como profissão.

REFERÊNCIAS

MACHADO, Mônica S. **Direito das mulheres: ensino superior, trabalho e autonomia**. São Paulo: Almedina, 2019.

MOURA, Mariluce. De Itapuã à Sapucaí: passando pela academia, **Ciência na Rua**. 2020. Disponível em: <https://ciencianarua.net/de-itapua-a-sapucaai-passando-pela-academia/>.

OLIVEIRA, Alda. **A Abordagem PONTES para a Educação Musical**. Salvador: Paco Editorial, 2015.

PORTO NOGUEIRA, Isabel; ZERBINATTI, Camila D.; PEDRO, Joana Maria. A emergência do campo música e gênero no Brasil: reflexões iniciais. **Descentrada**, 2(1), e034, p. 1-18, 2018. Disponível em <http://www.descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/view/DESe034>. Acesso em: 17 fev. 2025.

PORTAL GELEDÉS. **Samba enredo da Viradouro, campeã do carnaval do Rio, fez alusão a tese de professora da PB**, 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/samba-enredo-da-viradouro-campea-do-carnaval-do-rio-fez-alusao-a-tese-de-professora-da-pb/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

TANAKA, Harue. “Mulheres em performance musical”: curso de extensão universitária. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 13., Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: Dype Soluções, 2024. Disponível em: <https://www.fg2024.eventos.dype.com.br/anais/trabalhos/lista#H>. Acesso em: 17 fev. 2025.

TANAKA, Harue. De Itapuã a João Pessoa (PB): análise de um episódio na “Passarela do Samba”. In: CONGRESSO DA ANPPOM. 30, Pelotas. **Anais eletrônicos** [...]. Pelotas: Anppom, 2020. Disponível em: <https://anppom.org.br/congressos/anais/v30/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

TANAKA-SORRENTINO, Harue. **Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico**. 2012. 550f. 2v. Tese (Doutorado em Música) – PPGMUS, UFBA. Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/12585>. Acesso em: 17 fev. 2025.